



NOTA TÉCNICA 15

Extremismo violento em ambiente escolar

28 de março de 2023

Michele Prado

Nesta segunda-feira, dia 27/03/2023, mais uma vez um atentado de extremismo violento em ambiente escolar, praticado por um adolescente de apenas 13 anos, chocou o país. O ataque vitimou fatalmente uma professora e deixou quatro pessoas feridas. Este episódio de extremismo violento está, novamente, relacionado às subculturas extremistas que atuam como hubs de radicalização online para o extremismo violento e que atingem um público com faixa etária cada vez mais jovem (a partir dos 10 anos). O ataque é o cume de um processo de aceleração deste tipo de episódio que levou a 10 ataques a escolas nos últimos 13 meses. Nesta nota, enfatizamos a relação deste episódio com as comunidades online, destacamos o grande número de ataques desde março de 2022 e lembramos os protocolos estabelecidos por estudiosos para serem adotados por pais e responsáveis e pela imprensa.

O agressor habitava uma subcultura online letal que glorifica atentados terroristas, massacres, atiradores em massa, ideação suicida e violência extrema e que dissemina teses pseudocientíficas de psicologia e biologia evolutiva para justificar ordens sociais hierarquizadas por gênero/ etnia/ religião, conteúdos com revisionismo histórico, apologia ao nazismo, conteúdos de aceleracionismo militante de extrema direita, instruções para fabricação de armas e bombas caseiras e um profundo niilismo e misantropia. Ao menos seis agressores responsáveis por atentados de extremismo violento e/ ou tentativas no último ano aqui no Brasil, exibiram (através de análise de suas pegadas digitais) conexões diretas com a subcultura online extremista e letal *True Crime Community* e outras subculturas ligadas à “black pill” como a “incelsfera”.

O agressor da última segunda-feira anunciou previamente em sua rede social na plataforma Twitter a ideação do ataque, sendo encorajado por outros usuários que também participam desta subcultura. Além da violência extrema, nessa subcultura online há um extenso conteúdo com misoginia, racismo, antissemitismo e uma vasta constelação de queixas e supremacismos de vários espectros (racial/ gênero/ político e religioso). É possível notar também a fetichização de doenças mentais (“schizopostings”), o incentivo à automutilação e ao suicídio e a violência extrema contra animais. Importante ressaltar, porém, que apenas uma minoria dentre esses indivíduos radicalizados chegarão ao extremo de praticar de fato uma ação violenta.

No TikTok, as hashtags relacionadas à essa subcultura online extremista são abundantes e circulam livremente como mostra levantamento realizado no período de dezembro de 2022 a janeiro de 2023 pela equipe do Núcleo Jornalismo.¹ O levantamento encontrou aproximadamente 344 milhões de visualizações relativas aos conteúdos de extremismo violento online produzidos por usuários dessa subcultura.

Compreender de que forma os ecossistemas digitais mais amplos como a “manosfera” e as suas ramificações (comunidades “red pill”) e as subculturas online extremistas tangenciais são portas de entrada para a radicalização dos jovens que realizam ataques é um dos nossos principais desafios.

¹ Núcleo. Com moderação capenga, culto a assassinos e massacres escolares corre solto no TikTok. Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/reportagem/2023-01-26-culto-a-autores-de-massacres-corre-livre-no-tiktok/>>

Evolução histórica dos ataques

Quando olhamos para a progressão dos ataques a escolas, vemos um crescimento muito acelerado, com 10 dos 22 ataques que pudemos identificar desde 2002 acontecendo nos últimos 13 meses. Se incluíssemos na lista as tentativas frustradas, o número subiria assombrosamente.

Data	Cidade	Idade atacante	Suicídio	Vítimas	Arma	Sinal de radicalização online?
OUT 2002	Salvador, BA	17	ameaça	2 mortes	revólver	não
JAN 2003	Taiuva, SP	18	sim	8 feridos	revólver	não
ABR 2011	Rio de Janeiro, RJ	23	sim	12 mortos e 12 feridos	dois revólveres	sim
SET 2011	São Caetano, SP	10	sim	1 ferido	revólver	sim
ABR 2012	João Pessoa, PB	13 e 16	não	3 feridos	revólver	não
OUT 2017	Goiânia, GO	14	não	2 mortos e 4 feridos	pistola	sim
SET 2018	Medianeira, PR	15	não	2 feridos	revólver, faca e bombas	sim
MAR 2019	Suzano, SP	17 e 25	sim	7 mortos	revólver, besta, coquetel molotov	sim
AGO 2019	Charqueadas, RS	17	não	7 feridos	Machadinha e coquetel molotov	sim
NOV 2019	Caraí, MG	17	não	2 feridos	facão e pistola	não
MAI 2021	Saudades, RS	18	não	5 mortos	facão	sim
FEV 2022	Caraguatatuba, SP	16	não	1 ferido	faca	não
MAR 2022	São Paulo, SP	13	não	2 feridos	faca	não
ABR 2022	Saquarema, RJ	14	não	sem feridos	bomba caseira	sim
AGO 2022	Vitória, ES	18	não	1 ferido	bomba, faca, besta, coquetel molotov	sim
SET 2022	Barreiras, BA	14	não	1 morte	revólver, faca	sim
SET 2022	Morro do Chapéu, BA	13	não	1 ferido	materiais inflamáveis, bombas de fabricação caseira e uma faca	não
OUT 2022	Sobral, CE	15	não	1 morto, 2 feridos	revólver	sim
NOV 2022	Aracruz, ES	16	não	4 mortos e 12 feridos	revólver	sim
DEZ 2022	Ipaussu, SP	22	não	2 feridos	faca e canivete	não
FEV 2023	Montemor, SP	13	não	sem feridos	bomba caseira	sim
MAR 2023	São Paulo, SP	13	não	1 morto, 5 feridos	faca	sim

Protocolos para a imprensa e para os pais

A seguir, lembramos os protocolos estabelecidos por especialistas sobre como imprensa e os pais devem se comportar nos episódios de ataques a escolas.

IMPRENSA

A amplificação de vídeos, fotos e manifestos, aumenta o status intragrupo do agressor e incide no potencial de imitadores a curto e longo prazo.

O papel da imprensa para mitigar danos durante o período que sucede o episódio de extremismo violento em ambiente escolar é fundamental. A abordagem na cobertura do evento pode auxiliar a minimizar o “efeito contágio”. A janela para potenciais imitadores é de aproximadamente 13 dias. Quanto mais as coberturas da mídia disseminam fotos do agressor, manifestos, conversas e imagens do atentado, maior será a amplificação do ato e consequentemente a ampliação do “status intragrupo”² do agressor —o que faz crescer também o potencial de imitadores.

Manifestos, vídeos, fotos e marcadores estéticos (como o uso de suspensórios, camisetas com a expressão “Natural Selection”, máscaras “skull mask”, entre outros) são importantes e cultuados dentro dessas subculturas online extremistas e são utilizados com dupla finalidade: por um lado, para atingir tanto os pares intragrupo e aumentar a sensação de pertencimento, negociação (coletiva) de identidade e status e, de outro, para amplificar pela mídia a imagem autopercebida e provocar reação na sociedade. Vale destacar que os agressores estão imersos numa autopercepção distorcida de que são “heróis”, “mártires” e que estão se purificando (no sentido religioso) ao cometerem o atentado.

A divulgação das queixas do agressor deve ser evitada.

Nessas subculturas existe uma constelação de queixas, algumas realmente legítimas (bullying, violência doméstica, inadequação social) mas outras provenientes do acúmulo de teorias conspiratórias e conteúdos extremistas. Quando a mídia difunde essas queixas, outros indivíduos podem se identificar com elas e passar a acreditar que o extremismo violento foi uma resposta adequada.

Não se deve nomear o agressor.

Nas subculturas extremistas online, os jovens buscam notoriedade alcançando um número de vítimas maior do que o de algum outro agressor cultuado. Quanto maior o número de vítimas, maior o status intragrupo e quanto maior for a notoriedade de seu nome social e/ou apelido, mais aumenta a percepção de recompensa, tanto para o agressor, quanto para outros indivíduos que estão sendo radicalizados nessas subculturas.

² J. M. Berger. The Out-Group in the In-Group. Global Network on Extremism and Technology. Disponível em: <<https://gnet-research.org/2021/05/12/the-out-group-in-the-in-group/>>

MÃES E PAIS, PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL

A linha de frente para o reconhecimento (e os mais aptos a responderem de forma efetiva) aos sinais de radicalização de jovens são as pessoas mais próximas, dentro e fora de casa. Pais e cuidadores, líderes de comunidades nas quais os jovens estão inseridos (seja no ambiente físico ou virtual), professores, amigos e conhecidos próximos (como colegas de escola) são as pessoas mais aptas a perceber os sinais.

Recomendamos atenção aos sinais para uma prevenção e intervenção (em negrito os marcadores mais preocupantes e que indicam intervenção urgente).

- Crenças em teorias conspiratórias que sugerem um declínio da população branca e/ ou de homens e que sugerem também como fator desse declínio, outros grupos como negros, mulheres, judeus, LGBTQIA+, imigrantes e grupos minoritários. Exemplos: Teoria Conspiratória supremacista da Grande substituição/ Genocídio Branco; Teoria Conspiratória Eurábia; Teoria conspiratória QAnon;
- Produção e/ou compartilhamento de conceitos associados ao racismo científico como realismo racial e "biodiversidade humana";
- **Consumo e disseminação de conteúdos com violência extrema/ atentados terroristas e tiroteios em massa (em subculturas online extremistas como tctwt e gore);**
- Isolamento social;
- Fixação em temas relacionados a armamentos e blitzkrieg alemães da Segunda Guerra;
- Discursos e disseminação de conteúdos nos quais existem teorias conspiratórias de que um grupo oculto (geralmente judeus) estão controlando toda a sociedade;
- **Crença de que a violência é a única solução para as suas demandas;**
- **Ameaças verbais ou escritas de realização de ações violentas extremas**